

Crise assusta investidores

economia - Brasil

Dificuldades para o ajuste fiscal deixam o Brasil em xeque-mate, dizem analistas

FLÁVIA BARBOSA

Os vetos do Congresso a medidas do pacote fiscal e a ameaça de uma onda de moratórias dos estados, seguindo o exemplo de Minas Gerais, deixam a economia do Brasil muito próxima do estado terminal. "Se a classe política não entender que o momento é grave, aprovar o ajuste e pagar suas dívidas, será xeque-mate para o país", afirma o economista Paulo Leme, diretor de Pesquisas sobre Mercados Emergentes da Goldman Sachs & Co., em Nova Iorque, uma das corretoras e agências de avaliação de risco mais influentes do mundo.

Leme tem visão privilegiada sobre o alvoroço político-econômico no Brasil. Sua opinião é um termômetro para o mercado financeiro mundial. E ele é categórico quanto à repercussão internacional dos últimos acontecimentos por aqui. "Os investidores conhecem menos as nuances políticas do que está acontecendo, mas mesmo assim estão assustados. A derrota no Congresso e a moratória mineira foram duros golpes na credibilidade brasileira", adverte. "E eu sou considerado o analista mais otimista em termos de Brasil", informa Paulo Leme.

Na avaliação do diretor da Goldman Sachs, o Brasil está diante de sua última chance de manter a economia sob controle e avançar para o desenvolvimento. "É como se o gato tivesse nove vidas. Oito já foram e o acordo com o FMI é a nona. Se não der certo, veremos uma crise cambial e o país lançado numa aventura desnecessária", avisa. "O plano montado pela equipe econômica era considerado suficiente para driblar a crise", diz Leme.

Gota d'água - O economista Arminio Fraga, ex-diretor do Banco Central e atualmente em Nova Iorque, na diretoria do fundo de aplicação administrado pelo megainvestidor George Soros, confirma que o mercado internacional está receoso com a economia do Brasil e concorda que a credibilidade do país está cada vez mais arranhada. "O sentimento é de fadiga de batalha. O Brasil precisa de paz para resolver seus problemas, mas a cada semana há uma minicrise. Isso é bastante inconveniente", afirma.

Leme diz que a crise do pão-de-queijo provocada pelo governador de Minas, Itamar Franco, foi apenas a gota d'água para espalhar o pânico entre os investidores. A onda de desconfiança começou com a primeira votação fracassada no Congresso. "Além de custo fiscal, teve enorme custo de credibilidade."

Para o diretor da Goldman Sachs, os políticos são os culpados pela situação-limite que vive o país. Leme não poupa nem mesmo o presidente Fernando Henrique Cardoso. "Nas decisões mais difíceis, é preciso coragem. Falta apoio do próprio presidente. Ele tem de empêchar mais o seu capital político", critica. Para Minas, Leme não vê outra solução a não ser começar a demitir servidores. "São 460 mil funcionários, mais do que a Argentina! Esse é o desequilíbrio", acentua.

Leme enaltece a atuação da equipe econômica. "A posição da equipe é firme. A questão não é técnica, é política. O plano de ajuste fiscal foi perfeito, sua implementação teve êxito em novembro, conseguimos o acordo com o FMI. Só falta fazer o dever de casa", aponta Paulo Leme. "Se o governo ceder, compromete todo o ajuste".

Risco - Diante desse quadro, a Goldman Sachs está monitorando cada passo da política e da economia brasileira. O caos aumenta o risco de desvalorização do real - se tudo realmente desandar - e o provável é que a agência eleve o grau de risco do país para os investidores. Por enquanto, informa Leme, os *bradies* (renda fixa) estão com avaliação neutra, mas já apontam horizonte negativo.

Arminio Fraga acredita que não haja uma saída maciça de dólares, "pois já saíram US\$ 40 bilhões". Ele entende, no entanto, que as saídas regulares de US\$ 200 mil, que sejam, apontam para desconfiança. "É sinal de que o *status quo* não está bom", afirma.

Leme acredita que as saídas que estão acontecendo agora são destinadas ao pagamento de vencimentos externos, concentrados neste período. O perigo, lembra Leme, é a situação econômica brasileira ficar tão frágil que haja percepção de desvalorização, "que será seguida de fuga de capital bancário e crise de financiamento da dívida pública interna", especula. Daí, aposta, há risco de *overshooting* na taxa de câmbio (perda de controle). "Será o fim."

O resultado desastroso da balança comercial em 1998 só aumentou o risco do país. "Projetávamos um déficit de US\$ 5,5 bilhões e foi a US\$ 6,5 bilhões. Não só o nível, mas a queda acentuada das exportações preocupa", avalia Leme. "Esse era outro dever de casa para ser feito de forma impecável. Podemos cair numa crise de balanço de pagamentos", diz. "Na verdade, tivemos muita sorte nos mandatos de Fernando Henrique, como ministro e presidente. Agora, precisamos de soluções", conclui.



Leme: "É como se o gato tivesse 9 vidas. Acordo com o FMI é a '9'".

Arquivo